

## NAKED NEW YORK - GREG FRIEDLER

Lúcio De Franciscis dos Reis Piedade



O trabalho Naked New York, do fotógrafo americano Greg Friedler partiu de seu interesse em documentar as pessoas mais variadas que podem compor o que consideramos “humanidade”.

Partindo do princípio de que cada ser humano é único e possui características marcantes, o próprio Greg Friedler se perguntava, ao cruzar pelas pessoas, desconhecidas, e atarefadas com o seu dia-a-dia: “Quem são? Que tipo de educação podem ter? Quais as suas aspirações? Qual a sua orientação sexual? O que é importante ou faz diferença para elas?”

E principalmente, como seriam essas pessoas na verdade, desprovidas das máscaras que costumam utilizar no cotidiano?

Daí surgiu seu projeto: fotografar pessoas “despidas”. Essa expressão serve para diferenciar de “fotos de nus”, pois Friedler mesmo fazia uma distinção (entre “naked people” e “nude figures”). O conceito que geralmente se tem de fotografias de “nus” está intimamente ligado à sexualidade, erotismo, ou mesmo convenções mais, digamos assim, fashion. Nesse tipo de foto, a pessoa

retratada posa e se reveste de um ideal ou objeto de desejo, afastando sua real personalidade e qualquer possibilidade de um contato do observador com uma realidade.

No caso de fotos de pessoas “despidas”, o objetivo é retratar a pessoa como ela é, ou seja, o indivíduo posa e representa a si mesmo. A preocupação de Friedler, portanto, não é representar o modo como as pessoas querem ser representadas(ou como desejariam ser), mas sim criar um registro do modo como elas são. Ou chegar o mais próximo que se poderia de um real, de uma identificação do indivíduo com o seu eu.

É claro que isso é questionável e não deve ser levado como a pura exibição da realidade do indivíduo retratado, pois mesmo sem os artifícios da foto “artística” ou publicitária, muitas vezes outra máscara, outra persona se mostra. E qual, dentre essas máscaras, refletiria a verdadeira identidade do indivíduo retratado? Sabemos da complexidade da psique humana e de como são intrincados os caminhos que se processam na personalidade humana. E de como muitas vezes, o próprio ego passa a se identificar com a máscara criada.

O modo de atuação de Friedler foi fotografar cada pessoa vestida e sem roupa, de modo a poder mostrar os dois lados da mesma pessoa: o público e o privado. Ou seja: o público é a maneira como ela se apresenta no dia-a-dia, perante à sociedade. Para Friedler, essa versão vestida é apenas uma parte de uma verdade. Afinal as roupas, espontaneamente, alteram-se de acordo com a nossa vontade, ou seja, refletem como nós gostaríamos de aparecer, ou como sentimos que devemos ser. Colocando em foco uma pessoa nua, deixa-se de lado as expectativas que seu modo de vestir produz sobre sua ocupação ou nível social, modo de ser e preferências. Sai de cena o público e entra o privado: a pessoa nua e crua em sua intimidade e essência.

Podemos voltar a Jung, e fazer uma analogia a um conceito que descreve como etapa preliminar do processo de individuação o desvestimento das falsas roupagens da persona. De acordo com esse conceito, o homem para adaptar-se às exigências do mundo e da sociedade que o cerca, assume uma aparência que geralmente não corresponde ao seu verdadeiro modo de ser. Cria máscaras

de acordo com as expectativas dos outros ou de como ele mesmo gostaria de ser.

Até que ponto, portanto, essa nudez física revelaria as pessoas como são? Despem-se as vestes do corpo, mas e as vestes (ou máscaras) da personalidade?

Greg Friedler diz frequentemente se perguntar o porque das pessoas terem concordado em participar de seu projeto. Isso, colocado em discussão, é uma questão importante – a meu ver tão importante quanto as fotos -, já que os participantes estavam cientes que iriam tirar as suas roupas e serem fotografados por um completo estranho sem receberem nenhum tipo de pagamento.

Nas palavras do próprio fotógrafo:

*“Acredito que participaram por diferentes motivos. Penso que muita gente em New York (como em qualquer parte) está faminta por atenção. E essas pessoas gostaram do fato de terem toda a minha atenção e de que eu estaria tentando me conectar com elas em algum nível. Para alguns, eu me tornei uma espécie de amigo ou confidente”.*

Ele especula que também tenham participado porque se sentiriam subjetivamente gratificadas de alguma maneira, inclusive sexualmente. Algumas até poderiam ser exibicionistas por essência.

Outras seriam apreciadoras de arte, ou até mesmo desejavam fazer algo diferente de suas rotinas cotidianas.

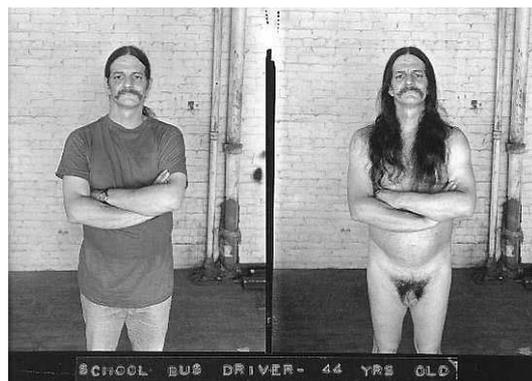
E até – bastante significativo – de que certos indivíduos teriam participado porque desejavam um registro de sua existência em determinado tempo e lugar. Afinal, as fotografias, como bem afirma Kossoy em Realidades e Ficções na Trama Fotográfica, em geral, sobrevivem após o desaparecimento físico do referente que as originou.

Os comentários dos próprios retratados, na contra-capá do livro, são reveladores:

“Eu resolvi ir aos extremos e me expor como nunca tinha feito na frente de um e estranho, na verdade, de muitos estranhos” – Aprendiz de Piercer. (foto 1)



“Minha garota me desafiou a fazer isso. Ela queria ver minha foto. Eu nunca fiz nada assim antes.” – Motorista de Ônibus Escolar. (foto 2)



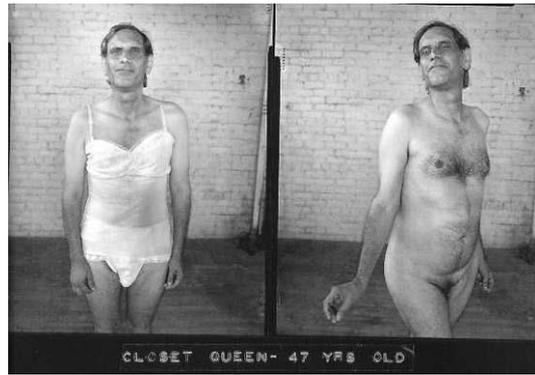
“Creio em fazer mais na vida do que só trabalhar e pagar contas...Mais importante, eu tenho um grande orgulho de ser novaiorquino. Eu amo a minha cidade (...) e ser imortalizado em um trabalho de foto-antropologia me parece adequado. Algum dia, eu deixarei esse lugar, mas em meu coração e em seu livro, eu serei sempre parte de Nova Iorque e Nova Iorque parte de mim”. – Mental Health Worker. (foto 3)



Analisando as fotografias, participamos da viagem que Friedler proporciona. Na verdade uma experiência em que, como se tivéssemos visão de raio-x, nos é permitido percorrer cada detalhe dos corpos expostos, ver em cada tatuagem, cada piercing, cada forma escondida, um pouco da vida, da essência, da personalidade e da sexualidade daquelas pessoas comuns. Tão comuns como qualquer um de nós. Nós poderíamos estar ali, posando para ele. Essa viagem também nos faz refletir sobre a fotografia como o suporte ideal para esse tipo de trabalho. Principalmente pelo seu caráter - novamente citando Kossoy – de prova definitiva, “testemunho da verdade”.

As fotos são apresentadas, cada uma, dividida ao meio. Em cada metade, a mesma pessoa se repete. À esquerda vestindo as roupas do dia-a-dia, e à

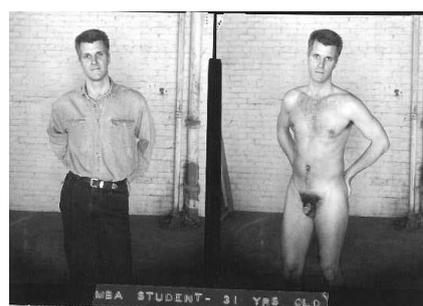
direita, completamente nuas – fora alguns casos em que uma peça de roupa (como meias, por exemplo) ficam. Talvez um indício da não interferência do autor na vontade do retratado ou, ao contrário, um artifício do fotógrafo. Devemos levar em conta, inclusive, a interferência do próprio retratado. Há exemplos bem aparentes disso, com o no caso da denominada Closet Queen, de 47 anos. Isso leva à questão: até que ponto essas interferências teriam ocorrido? (foto 4)



O cenário, a uma primeira impressão, é o mais neutro e austero possível: uma simples e despojada parede de tijolos, assim como a iluminação. É quase como se os retratados estivessem posando em alguma repartição pública para fotos burocráticas de documentos ou passaportes. Talvez para não causar alguma interferência que possa desviar o nosso olhar ou até mesmo criar uma composição diferente da que objetivava o fotógrafo. Talvez esse cenário nos possa fornecer uma outra interpretação: a de evidenciar em seu despojamento a própria idéia do “nu e cru” em que se apresentam os retratados. Sem dúvida se mudarmos esse fundo, as informações que a imagem nos proporciona mudarão. É só imaginarmos no lugar da parede de tijolos um fundo branco ou preto, ou até mesmo uma floresta tropical ou uma sala mobiliada, quem sabe?

Friedler colocou, abaixo de cada foto, a ocupação (ou algo que crie uma identidade) e a idade de cada pessoa.

O mais interessante é comparar as fotos. Em alguns casos, parece não haver muita diferença entre o retrato vestido e o despido. Como o estudante do MBA, de 31 anos; ou mesmo a Punk Rocker, de 23.(foto 5/6)



Mas em outros, os contrastes são mais marcantes. Esses contrastes podem ser sutis – como a bibliotecária de 22 anos, de um lado vestida discretamente, e do outro, nua, de cabelo solto e um piercing no umbigo, rompe com a primeira imagem – ou mais fortes, como no caso da babá (29 anos), que ao tirar a roupa, revela um cabelo cortado rente, quase careca. Teria cortado o cabelo rente, à máquina ali mesmo, ou estaria de peruca? (foto 7/8)



Isso nos traz de volta à questão da interferência. Que liberdade teria Friedler dado aos seus retratados ao posarem? Teria ele permitido-lhes agir como quisessem diante da câmera, para melhor expor seus verdadeiros eu? E nesse caso, em como isso iria interferir na objetividade da experiência?

E no nosso caso, enquanto observadores? Quanto à isso não é mais fácil responder. Afinal, cada foto cria com cada observador uma outra realidade diferente da representada, uma realidade subjetiva, repleta de significados e tramas inacessíveis para serem decodificadas.

De todo modo, Friedler nos cativa por proporcionar, além de tudo, o prazer do voyeur. Isso de modo independente aos objetivos antropológicos. Não tenho dúvida, apesar dos questionamentos levantados, de seu valor antropológico e histórico-social. Afinal Friedler catalogou – não encontro no momento palavra melhor – uma variedade de tipos que de certo modo correspondem a um momento determinado no tempo e espaço de uma grande metrópole. Ele registrou com sua câmera uma parcela representativa de seu meio social, carregado de símbolos de uma época.

Acredito portanto que, mais do que por objetivos antropológicos, o fascínio voyeurístico seja a mola propulsora que atrai as pessoas nas fotos de Friedler e

a razão que leva alguém as levam a comprar os livros com seus trabalhos. Afinal, o voyeurismo faz parte do ser humano. Alfred Hitchcock, em sua entrevista à François Truffaut, ao comentar seu filme Janela Indiscreta afirma com bastante propriedade que qualquer pessoa ao notar que alguém está para se despir, fica observando. É um prazer secreto do ser humano. Quem nunca invejou a visão de raios-x do Super-Homem ao imaginar, do mesmo modo que Friedler, em como seriam as pessoas que vemos no dia-a-dia sem roupa?

E o fotógrafo sabe disso, tanto que explora esse artifício como chamariz para sua obra. Não é à toa que na capa do livro que reúne esses trabalhos vemos um olho observando por uma fresta.